



JUVENTUDES NEGRAS E O ENSINO SUPERIOR: DA LUTA SOCIAL AOS PROCESSOS DE INCLUSÃO

Tallita Rosendo Barbosa¹
Patrícia Cristina de Aragão²

RESUMO

Este artigo propõe discutir sobre a inclusão educativa de jovens negros no ensino superior e a importância deste espaço na integração social, educacional, política e econômica de pessoas jovens negras/negros nas universidades. No ensino superior a inclusão educacional de jovens negros é fundamental, tanto do ponto de vista de seus direitos sociais, como em relação a sua inserção neste espaço e de todas as demandas que acarreta as possibilidades de movimentos educacionais dentro do curso de história. Este trabalho objetiva analisar as juventudes negras na universidade, enfatizando os desafios e os caminhos destes lugares juvenis no contexto do ensino superior. Partimos de uma pesquisa bibliográfica, documental qualitativa e quantitativa de base interpretativa que busca nos estudos de Dayrell e Carrano(2002), Sousa (1983), Groppo (2015), Teixeira e Jesus(2019), Picasso(2017), Santos(2000) Gomes e Laborne(2018). Consideramos importante o debate e reflexão em torno da juventude negra no ensino superior, de como neste espaço a juventude é vista, quais as conquistas pautadas, quais os direitos frente às adversidades que se apresentam na contemporaneidade que vem gerando uma conjuntura equânime para as juventudes negras, esta pesquisa vai colaborar para que essa desigualdade seja descartada e dê mais evidência às lutas abordadas pelos direitos a igualdade que preza a busca de garantir o mínimo existencial para o ser humano.

Palavras-chave: Juventude negra; Ensino Superior; Inclusão; Educação.

INTRODUÇÃO

Ao analisar como os jovens da sociedade estão inseridos, é importante enxergar como eles têm alcançado a inclusividade na sociedade e no ensino superior. Saber a trajetória da juventude que é colocada à margem da sociedade é pautada de maneira pejorativa, como o Ego da individualidade que a sociedade premedita para o jovem.

Neste artigo, pretendemos ressaltar sobre os lugares das juventudes negra na educação superior, tanto como um espaço de aprendizagens para este segmento social, geracional e étnico, como campo de enfrentamentos diante dos estigmas sociais construídos e das inúmeras dificuldades que as jovens e os jovens negros tem sentido para acessar os conhecimentos numa

¹Graduada em licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisadora bolsista financiado pela FAPESQ do PIBIC: Escritoras negras em narrativas que educam sobre a África e os Afro-Brasileiros e pesquisador do grupo de pesquisa: história, cultura e ensino tallitabarbosa96@gmail.com

²Professora titular da Universidade Estadual da Paraíba, atuando no curso de história, no mestrado profissional em formação de professores e no mestrado de Serviço social. Orientadora do PIBIC Escritoras negras em narrativas que educam sobre a África e os Afro-Brasileiros e do grupo de pesquisa história, cultura e ensino patriciaa@yahoo.com



educação universitária. As lutas deste segmento juvenil para ter o acesso ao ensino superior no Brasil, tem tido constância. Nos propomos neste texto, pensar os aspectos teóricos que enfatizam a inclusão educacional deste viés estudantil.

METODOLOGIA

Metodologicamente, Partimos de uma pesquisa bibliográfica, documental qualitativa e quantitativa de base interpretativa que busca nos estudos de Dayrell e Carrano(2002), Sousa (1983), Groppo (2015), Teixeira e Jesus(2019), Picasso(2017), Santos(2000) Gomes e Laborne(2018). Buscando referenciar o olhar para a juventude negra que adentra no ensino superior.

Inicialmente, refletiremos sobre a diversidade de jovens que fazem parte da composição da universidade. Observamos que a juventude é um momento de transição humana entre a vida adulta, contudo, o sentido de juventude pensado aqui, vai para além de uma passagem da vida, chamamos atenção as possibilidades de inclusão visto que durante muito tempo o jovem negro foi excluído do espaço da universidade, deixando de lado os seus ideais de ingresso na vida universitária em função de inúmeras possibilidades, que este ambiente apresenta para este segmento juvenil diante de sua condição social.

Em seguida, discutiremos os caminhos pelos quais a juventude negra adentra no ensino superior, mesmo diante de tantas dificuldades, será frisado como os cursinhos universitários, por exemplo, podem ser visto como lugares de inclusão pois oferecem gratuitamente, os caminhos para o ingresso destes na universidade. Ser um jovem negro na universidade é um grande avanço para uma sociedade mais abrangente e futuramente que tenha uma equidade em todas suas perspectivas, culturais, sociais e educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

JUVENTUDES COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: UM OLHA PARA JOVENS NEGROS/AS

A juventude é uma parte da população que apresenta uma diversidade de demandas sociais, políticas e culturais, bem como educacionais. Os jovens enquanto sujeitos sociais, estão em busca de reivindicar melhorias para sociedade nos contextos sociais, históricos, culturais e educacionais na qual fazem parte. Para Groppo “Trata-se da idade e do grupo etário



concebidos como dados naturais simplesmente biológicos do curso de vida”(Groppo, 2015, p. 8)

Torna-se importante, investigar como a inclusão educativa dos jovens ocorre na sociedade brasileira, sobretudo, a partir do ambiente universitário. É fundamental, problematizar as concepções de juventude, para entender como estes, os jovens, se apresentam socialmente, mediante seus lugares de pertencimento social. Porém, pode-se a noção de juventude que as pessoas têm na maioria das vezes ainda é muito limitada e pautada em preconceitos alastrados por uma longa duração colocando o jovem a mercê de muitas decisões tomadas, justificando que nessa idade não tem experiência de vida, este tipo de percepção vigorou durante muito tempo com relação a escuta das juventudes.

A análise do fenômeno da moratória social revela desafios significativos, já que tende a relegar os jovens à margem da sociedade, questionando a identidade do Ego como parte integrante da coletividade. Isso implica em complexidades que restringem a juventude, pré-determinando suas ações e limitando suas escolhas. A problematização reside no fato de que a visibilidade desses jovens muitas vezes só ocorre em contextos específicos, como sua participação em movimentos de militância. Nesse cenário, é crucial considerar como a sociedade percebe e retrata a juventude, resultando em inúmeras inseguranças e impactos psicológicos. Portanto, a reconstrução da compreensão sobre a determinação dos jovens como seres sociais deve levar em conta a riqueza de sua diversidade. De acordo com Dayrell (2003, p.3):

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica em primeiro lugar considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.(Dayrell, 2003, p.3)

O autor enfatiza a importância de abandonar critérios rígidos e perceber a juventude como parte integrante de um processo de crescimento mais abrangente. A ideia central é que a juventude não deve ser vista como uma fase com limites predeterminados, nem como um simples período de preparação para a vida adulta, a ser superado com o tempo. Em vez disso, propõe-se considerar a juventude como uma fase com contornos específicos, moldada pelas diversas experiências vivenciadas pelos indivíduos em seus contextos sociais. Essa abordagem mais holística reconhece a complexidade e a singularidade das trajetórias individuais, afastando-se de uma visão simplista e estática da juventude.



Diante do contexto de diversidade social e cultural, é fundamental pensar o lugar do jovem como construtor de sua historicidade, a partir das experiências que passam a fazer parte de sua trajetória e o que adquirem a partir do seu contexto social, pensando a sua identidade como fruto desta pertença, tendo em vista que a juventude é plural e não é uma etapa e nem uma preparação para vida adulta, mas uma composição de seus sujeitos que fazem diferença na sua vida e na de outras pessoas.

O jovem no Brasil vivencia desigualdades socioeconômicas, observa-se que o desemprego juvenil é uma situação que atualmente está se firmando, as classes populares inclusive são as que mais sofrem com isso, muitas vezes pela falta da escolaridade, ou por não terem como ir para entrevistas de emprego bem arrumados, visto que não têm roupas adequadas para situação ou até mesmo não tem o valor para o uso do transporte público, muitas questões são levantadas, mas poucas delas realmente são vistas pelas políticas públicas “O jovem que procura trabalho remunerado e não consegue representa uma porta aberta para a frustração”(Dayrell e Carrano, 2002, p.7) muitos jovens estão sofrendo com transtorno de ansiedade e passando fome justamente por causa dessa falta de inclusão da massa popular e faltando oportunidade no mercado de trabalho.

Abordar o tema da juventude no Brasil é pensar em viés dessa desigualdade e exclusão social, sobretudo em relação aos jovens negros e negras, pois, as políticas públicas ainda são falhas para conseguir aparato para essa juventude, que inclusive não existe uma contemplação de políticas que abordam a perspectiva juvenil, mas sim no geral. Essas carências nas comunidades retardam o desenvolvimento dessa diversidade e está preocupando cada dia mais o âmbito educacional, cultural e social.

Falar sobre juventude é também pensar que abrange uma problemática sociológica e histórica para a averiguação de como se compõe a sociedade e as nuances da inclusão juvenil no contexto sócio histórico e suas transformações. É de extrema importância ver o enfoque da participação dos jovens enquanto ser militante que vai em busca de propor seus direitos e dando visibilidade a participação de movimentos que são primordiais para sua vida enquanto sujeito pensante.

Ressaltamos o papel e importância da educação na transformação dos sujeitos sociais diante de uma sociedade ainda muito excludente e preconceituosa com essas demandas e participações, tendo em consideração que em sua maioria esses movimentos são formados no espaço educacional estudantis. Há acima de tudo um olhar discriminatório para jovens negros e negros no Brasil, por causa da classe dominante, um país que trata o negro como um problema social “Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo”(Santos,



2000, p.2) esse olhar que marca a diversidade juvenil, diversidade essa que muitas pessoas ainda não respeitam. O negro ainda no século XXI tão atual, é visto como alguém inferior, julgando a aparência como uma linha imaginária que leva a segregação de seres humanos. No mais Santos também fala sobre a individualidade das negritudes:

No Brasil, onde a cidadania é, geralmente, mutilada, o caso dos negros é emblemático. Os interesses cristalizados, que produziram convicções escravocratas arraigadas, mantêm os estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, incidindo sobre os demais aspectos das relações sociais. Na esfera pública, o corpo acaba por ter um peso maior do que o espírito na formação da socialidade e da sociabilidade. (SANTOS, 2000, p. 3)

O autor ressalta que a cidadania no país muitas vezes é prejudicada ou limitada, e isso é especialmente evidente no caso dos negros. A referência aos interesses cristalizados que derivaram de convicções escravocratas destaca como padrões históricos profundamente enraizados continuam a influenciar a sociedade contemporânea. A menção aos estereótipos indica que essas concepções não se restringem apenas ao âmbito simbólico, mas permeiam diversas facetas das relações sociais. O autor destaca que, na esfera pública, o corpo muitas vezes assume uma importância maior do que o espírito na formação da socialidade e sociabilidade. Isso sugere que as características físicas, especialmente quando associadas a questões raciais, podem ter um impacto significativo na forma como as pessoas são tratadas e percebidas na sociedade brasileira. Em suma, a citação ressalta as persistentes questões sociais relacionadas à cidadania e às percepções baseadas em estereótipos, especialmente no contexto das relações raciais no Brasil.

Posto isso, observamos que no Brasil essa separação chega a ser naturalizada, onde os copos e cores dão mais visibilidade no lugar o qual se está inserido. “o negro se viu-se obrigado a se tornar o branco como modelo de identidade”(Sousa, 1983, p.19) tentando se estruturar socialmente bem na sociedade o negro busca modelos do branco para assim conseguir se espelhar.

Sousa (1983), nos seus estudos mostra como a sociedade trata o jovem negro até os dias atuais apresentando como são visíveis os preconceito e a discriminação, ou seja, “ Lutando muitas vezes contra a maré da dominação o negro foi, aos poucos conquistando espaços que o integram á ordem social” (Sousa, 1983, p. 21).

No início do movimento crescente para se libertar da herança escravista e confrontar o racismo, a discriminação e até mesmo as mitologias em torno de suas origens, alguns jovens negros acabaram se distanciando de sua própria identidade e dos seus ideais individuais. O



sistema psicológico de produção do superego torna mais difícil o reconhecimento do eu e a auto identificação.

Pensar o panorama da juventude no Brasil é não perder a linha do tempo, mas um tempo majoritariamente descrito por uma elite que arquitetou ideologias que procuram afirmar a inferioridade nata da população negra. Isso desarranjou nossas histórias e estabeleceu um imaginário enlameado na crueldade do racismo. (SOUZA, 2011, p. 3)

Destacando assim a importância de considerar o contexto histórico ao analisar a situação da juventude no Brasil. O autor aponta para o fato de que a narrativa histórica muitas vezes foi moldada por uma elite que promoveu ideologias destinadas a reforçar a suposta inferioridade inata da população negra. A menção à linha do tempo sugere que compreender a realidade da juventude requer uma visão crítica das interpretações históricas predominantes. Argumentando que essas ideologias prejudiciais distorceram as histórias individuais e coletivas, estabelecendo um imaginário enraizado na crueldade do racismo. Isso destaca como as narrativas construídas por elites podem influenciar a percepção pública, perpetuando estereótipos e preconceitos que afetam diretamente a juventude, especialmente a população negra. Em última análise, a citação aponta para a necessidade de uma análise cuidadosa e crítica do passado para compreender e abordar adequadamente os desafios enfrentados pela juventude, especialmente em relação às questões raciais no Brasil.

Na sociedade brasileira, cotidianamente observa que a juventude negra é submetida as práticas de racismo, porém vale ressaltar que foi por meio de toda essa trajetória que a juventude negra foi aos poucos quebrando essas barreiras a qual separa os seres humanos pela cor da sua pele, visando que a identidade do negro é tão importante quanto a do outro.

Na realidade social brasileira, o que se verifica é que os jovens que sofrem mais violência no Brasil é a juventude negra, tanto físicas como psicológicas. “A violência é a negação do direito à vida.” (Gomes e Laborne, 2018, p. 2) essas violências que os jovens estão denunciando, de toda a negação dos direitos humanos, não é algo atual e sim um enorme alastramento de violências.

A condição de vida do povo negro mostra que “o negro foi condenado à periferia da sociedade de classes, como se não pertencesse à ordem legal” (Nascimento, 1978, p. 21) . Outro ponto a ser analisado é a juventude negra é a que mais tem sido alvo de violências físicas, vê-se então o extermínio da juventude negra na sociedade brasileira e de acordo com a atlas produzido por Cerqueira, Lima e Bueno(2017) “de cada 100 pessoas que sofrem homicídio no



Brasil, 71 são negras.” desse modo, os movimentos que sempre denunciam estão pedindo ajuda para essa desigualdade cessar, em que o preconceito seja nulo.

As lutas das juventudes negras sempre vão ser necessárias, em meio a uma sociedade que tenta mudar a personalidade das pessoas desde os princípios. A inclusão ainda é muito pequena quando pensamos na negritude, sabendo que a maioria dos cidadãos brasileiros são negros e negras, mas poucas pessoas são visíveis nessa sociedade que tenta separar e por isso esse debate é tão primordial, para avaliar as juventudes no Brasil, como nos meios socio-historicos essa população é vista e abordada.

A maioria deste segmento juvenil de pessoas negras e negros busca incluso nas questões educativas, sociais, e culturais, e que gere uma equidade que possibilite novos caminhos. Buscam isso por meio de representações que demarquem a sua identidade, não procurando ser igual ou superior a alguém, mas procurando os seus direitos na sociedade que as políticas públicas deveriam está dando este apoio, é preciso falar ainda que só se existe lutas, protestos e reivindicações, por que ainda existem violências, olhares preconceituosos, que mutilam as juventudes negras diariamente na atualidade. E por isso é tão fundamental enxergar essas diversidades.

A INCLUSÃO DE JOVENS NEGROS/AS NO ENSINO SUPERIOR: CAMINHOS E DESAFIOS

Cada vez mais os jovens negros conquistam a inclusão no ensino superior, crescimento esse que está mudando a vida de diversos jovens marginalizados que concluíram a educação básica com muita dificuldade. Pode-se observar que a escolaridade sempre vai ser um diferencial pautadas nas conquistas que a sociedade brasileira almeja para os jovens que são o futuro do país, porém ainda é bastante complicado que as juventudes negras tenham esse acesso, no qual muitos desafios são posto em seus caminhos, o desafio da desigualdade social, que uma classe é mais priorizada que a outra. “A educação superior está longe de ser universalizada” (Teixeira e Jesus, 2019, p. 6) essa abrangência distante, não anula o fato dessa inclusão no percurso dos jovens negras e negros no ensino superior.

É perceptível que a educação superior ainda é marcada pela classe dominante, que seria a elite brasileira e a forte exclusão é perceptível, a inclusão universal ainda precisa ser bem analisada, principalmente quando a democracia que é utilizada no ensino superior segundo Sousa Santos(2011, p. 72-73):



As tarefas da democratização do acesso são, assim, particularmente exigentes porque questionam a universidade no seu todo, não só quem a frequenta, como os conhecimentos que são transmitidos a quem a frequenta. (SANTOS, p. 72-73)

Santos(2011) procura entender e problematizar como as universidades estão pretendendo acolher essa juventude no ensino superior, a universidade ainda é elitizada então democraticamente alguns conhecimentos ainda não chegou para os jovens negros, tendo em vista que o deficit na educação básica ainda é crescente. Alguns jovens de movimentos estudantis sociais inclusive oferecem cursinhos que dê viabilidade de um ensino continuado para os jovens que desejam ingressar na universidade, essa iniciativa é bastante relevante na sociedade, sobretudo que esses cursos oferecidos as minorias sociais, por meio dos movimentos são alargamento da demanda que chega no ensino superior. Além do mais, de acordo com Penildon Silva Filho:

[...] a inclusão na educação pretendida pelos cursos pré-vestibulares populares é quantitativa e qualitativa, por mais vagas e por uma educação diferente, com uma escola que não exclua pela discriminação nem pela falta de vagas. Os cursos populares denunciam e têm matérias em seu currículo que debatem como a educação e a cultura escolar na rede oficial é eurocêntrica e monocultural. (FILHO, 2003, p. 30)

A inclusão através dos cursinhos pré-vestibulares é além de tudo um meio de educar as massas populares, de uma cultura eurocêntrica carregada de discriminações, vislumbra as juventudes negras que sempre são excluídos, vistos como prioridade de conseguir alcançar suas vastas expectativas sobre o mundo e sobre si mesmo. Além disso, também se tem a lei das ações afirmativas que aderem as cotas raciais nas universidades, que dão oportunidade para os jovens negros perante a um sistema tão concorrido.

O olhar inclusivo do jovem negro no ensino superior é além de tudo primordial e necessário, vai ser desafiador, visto que a maioria desses jovens trabalham e estudam, para conseguir manter a sua família e estudo, porém é uma conquista a qual deve-se ser celebrada. Os caminhos a serem trilhados são diversos, mas de extrema magnitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, que a juventude ainda é muito excluída da sociedade, sobretudo os jovens negros e negras, que são as camadas populares dessa sociedade brasileira elitizada e com diversos preconceitos. Foi possível, conhecer os impactos de violências psíquicas e físicas das



negritudes que são de baixa renda, e a alta mortalidade que tem quando se é jovem negro ou negra que vive em periferias.

Então por meio disso vemos a necessidade das políticas públicas para intervir de forma mais ampla para que haja uma universalização para as juventudes terem os seus direitos enquanto sujeitos que são seres ativos no Brasil e também ter a ampliação de uma educação de qualidade para conseguir adentrar no ensino superior, como podemos vê os cursinhos pré-vestibulares mudaram a vida de muitas pessoas.

Por fim, que tenhamos um olhar mais crítico e problematizador quando pensarmos nas juventudes brasileiras, que são excluídas diariamente e que com muitas lutas reivindicativas conseguiram ser escutadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017

DAYRELL, Juarez..Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília. Estado do conhecimento: juventude. **Brasília: INEP**. 2000.

DAYRELL, CARRANO. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. 2002.

SANTOS, Milton. Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro. **Folha de São Paulo**, 07 de maio de 2000.

GOMES, LABORNE. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista** . 2018; 34:e197406 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698197406>

FILHO, Penildon Silva. Cursos Pré-Vestibulares populares em Salvador: Experiências educativas em movimentos sociais. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003, Salvador, **218f**. **IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: . Acesso em: 08 de abril, de 2022

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Prefácio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

TEIXEIRA; JESUS. Acesso à educação superior: para qual juventude?: in **XV encontro de estudos multidisciplinar em cultura**, 2019.

SOUZA, Santos Neuza. **Torna-se Negro. Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.



SOUSA, Juliana de. Panorama da juventude negra no Brasil. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

Grosso, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. ISSN: 1806-5023, acesso em: <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n1p4>